

FICHA TÉCNICA

Título original: *After We Fell*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © Anna Todd, 2014

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Cristina Carvalho*

Revisão: *João Ferreira/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2016

Depósito legal n.º 404 658/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para o J.,
por me amar como
a maior parte das pessoas apenas sonha.*

*E para os Hardins deste mundo,
que também merecem que as suas histórias sejam contadas.*

HARDIN

— Como é que correu o *kickboxing* ontem? — pergunta o Landon, a voz saindo a custo e a cara contorcida numa expressão idiota de esforço físico ao içar mais uma saca de húmus. Quando a deixa cair no lugar, põe as mãos nas ancas e diz, revirando os olhos com ar dramático: — Podias dar uma ajuda, sabes?

— Sei — digo eu da cadeira em que estou sentado, com os pés em cima de uma das prateleiras de madeira no interior da estufa da Karen. — O *kickboxing* correu bem. Foi com uma instrutora, o que tornou a coisa um bocado manhosa.

— Porquê? Deu-te uma tarefa?

— Não, não deu.

— O que é que te levou a ir, afinal? Disse à Tess que não valia a pena oferecer-te um livre-trânsito para o ginásio, porque nunca o usarias.

Uma vaga de irritação sobe-me peito acima ao ouvi-lo chamar-lhe «Tess». Não me agrada nem a porra de um bocadinho. *É só o Landon*, lembro a mim mesmo. De entre todas as merdas com que tenho de me preocupar agora, o Landon está no fundo da lista.

— Porque estava cheio de raiva e achei que ia desatar a partir tudo o que houvesse no apartamento. Por isso, quando estava a puxar todas as gavetas da cómoda para fora e reparei no *voucher*, peguei nele, calcei os sapatos e saí.

— Tiraste todas as gavetas para fora? A Tessa vai matar-te... — O Landon abana a cabeça e, finalmente, senta-se numa das sacas de húmus.

Não percebo porque é que ele concordou em ajudar a mãe a mudar todas estas cenas de lugar.

— A Tessa não vai ver as gavetas... já não é a casa dela — recordo-lhe, tentando manter a voz nivelada.

Olha para mim com uma expressão culpada.

— Desculpa.

— *Okay*. — Suspiro. Nem sequer tenho uma resposta trocista para lhe atirar.

— Tenho alguma dificuldade em sentir pena de ti, quando a verdade é que podias estar lá com ela — diz o Landon, volvidos uns segundos de silêncio.

— Vai à merda. — Inclino a cabeça para trás, encostando-a à parede, e sinto-o a olhar para mim.

— Não faz sentido — acrescenta ele.

— Para ti não.

— Ou para ela. Ou para quem quer que seja.

— Não devo explicações a ninguém — disparo.

— Então, o que é que estás a fazer aqui?

Em vez de lhe responder, olho em volta para a estufa, também eu incerto quanto ao que estou aqui a fazer.

— Não tenho mais nenhum sítio para onde ir.

Acha que não sinto a falta dela a cada segundo que passa? Que não preferia mil vezes estar com ela do que estar aqui a falar com ele?

Olha-me de viés.

— Então e os teus amigos?

— Estás a referir-te à pessoa que drogou a Tessa? Ou à pessoa que me montou uma cilada para lhe contar da aposta? — Começo a contá-los pelos dedos, para acrescentar um efeito dramático. — Ou talvez tenhas em mente o que está constantemente a tentar meter-se na cama com ela? Queres que continue?

— Talvez não. Embora eu te pudesse ter dito logo à partida que os teus amigos eram uma bosta — diz ele em tom irritado. — Mas então, o que é que pensas fazer?

Decidindo que é preferível manter a paz a assassiná-lo, limito-me a encolher os ombros.

— Exatamente o que estou a fazer agora.

— Ou seja, a passar tempo comigo e a amuar pelos cantos?

— Não estou a amuar. Estou a fazer o que me disseste para fazer, a *tornar-me uma pessoa melhor* — troço, fazendo aspas com os dedos no ar. — Já tiveste notícias dela, desde que partiu? — pergunto.

— Já. Enviou-me um SMS esta manhã, a dizer que tinha chegado bem.

— Está na casa dos Vance, não está?

— Porque é que não descobres pelos teus próprios meios?

Porra, o Landon está a ser bem chatinho.

— Sei que está. Em que outro sítio é que podia estar?

— Com aquele tipo, o Trevor — sugere o Landon prontamente. E o sorrisinho de gozo estampado na cara faz-me reconsiderar a suspensão da pena capital que tinha acabado de lhe conceder. Se me atirasse a ele neste momento, não faria grande moossa; ele não está a mais de noventa centímetros do chão, bem vistas as coisas. O mais certo era nem deixar um hematomazinho...

— Nunca mais me lembrei do estupor do Trevor — resmungo, esfregando as têmporas com força. O Trevor é quase tão enervante quanto o Zed. A única diferença é que acredito que as intenções do Trevor em relação à Tessa sejam genuínas, o que me aflige ainda mais. Faz dele um perigo maior.

— Bom, qual é o próximo passo do «projeto de automelhoramento»? — O Landon sorri, mas é um sorriso deveras breve, que se converte numa expressão séria. — Sinto-me genuinamente orgulhoso de ti por te teres decidido a fazer isto, sabes. É bom ver que, por uma vez, estás mesmo a esforçar-te, e não a fazer uma tentativa que apenas dura uma hora, para voltares ao mesmo de sempre assim que ela te perdoa. Vai significar muito para ela perceber que estás mesmo determinado a mudar.

Tiro os pés da prateleira e embalo-me ligeiramente na cadeira. Esta conversa está a deixar-me agitado.

— Não tentes pregar-me sermões. Ainda não fiz a ponta de um corno; ainda só passou um dia. — Um dia longo, miserável e solitário.

Os olhos do Landon abrem-se de empatia.

— Não; estava a falar a sério. Não te meteste nos copos, não andaste à pancada com ninguém, não foste preso, e soube que tinhas vindo falar com o teu pai.

Cai-me o queixo ao chão.

— Ele *contou-te*? Grande estupor.

— Não, o teu pai não me disse nada. Mas vivo nesta casa, como sabes, e vi o teu carro à porta.

— Oh...

— Acho que saber que falaste com ele vai deixar a Tessa impressionada.

— Importas-te de parar? — digo eu, implorando, com um movimento rápido de ombros. — Porra. Não és meu analista. Para de agir como se fosses superior a mim, e eu não passasse de um animal ferido que sentes que tens de...

— Porque é que não és capaz de aceitar um elogio sem fazeres esse estardalhaço todo? — diz o Landon, sobrepondo-se ao que eu estava a dizer. — Nunca disse que era superior a ti. A única coisa que estou a tentar fazer é dizer-te que podes contar comigo como amigo. Não tens ninguém (tu próprio o disseste), e agora, com a Tessa em Seattle, não resta uma única pessoa com quem possas contar para te dar apoio moral.

Olha-me nos olhos, mas eu desvio o olhar.

— Tens de parar de afastar toda a gente, Hardin. Sei que não gostas de mim, que me odeias porque estás convencido de que, de alguma maneira, sou responsável por alguns dos problemas que tens com o teu pai, mas eu quero todo o bem do mundo à Tessa e a ti, quer queiras, quer não.

— Não quero ouvir falar no assunto — riposto.

Porque é que ele tem sempre de dizer merdas como esta? Vim aqui para... sei lá, para falar com ele. Não para *falar* com ele... não para o ouvir dizer que me quer todo o bem do mundo.

E por que razão haveria ele de me querer bem? É verdade que não tenho sido outra coisa que não um cretino para com ele desde que o conheci, mas não o odeio. Ele está mesmo convencido de que o odeio?

— Bom, essa é outra das coisas em que tens de trabalhar. — Levanta-se e sai da estufa, deixando-me sozinho.

— Foda-se. — Lanço o pé para a frente com força, mas acabo por embater na estrutura das prateleiras. O som de algo a dar de si estrondeia pela divisão, e eu salto da cadeira. — Não, não, não!

Tento apanhar as caixas de flores, os vasos de cerâmica, e outros objetos sortidos antes de se despenharem no chão. Em segundos, tudo aquilo (os cacos de tudo aquilo) jaz no pavimento. Esta merda não me está a acontecer! Nem sequer fiz tenções de partir nada, e, não obstante, eis-me com um monte de terra, de flores e de pedaços de barro aos pés.

Talvez consiga limpar pelo menos parte desta confusão antes de a Karen...

— Oh, meu Deus — ouço-a inspirar e, voltando-me para a entrada, vejo-a ali espedada, com uma pazinha de jardinagem na mão.

Fooda-se.

— Não foi com intenção, juro. Lancei o pé para a frente e, sem querer, parti a prateleira, e estas coisas começaram todas a cair, e eu tentei apanhá-las antes de caírem no chão! — Tento explicar, freneticamente, ao ver a Karen precipitar-se para um monte de pedaços de cerâmica partida.

As mãos dela remexem os destroços, tentando juntar os cacos de um vaso azul que não tem qualquer hipótese de voltar a estar inteiro. Não diz palavra, mas ouço-a fungar, e vejo-a limpar as faces com as mãos sujas de terra.

Segundos depois, diz:

— Tenho este vaso desde pequenina. Foi o primeiro vaso que usei na vida para transplantar um rebento.

— Eu... — Não faço a mínima ideia do que possa dizer-lhe. De todas as merdas que já parti, desta vez, foi mesmo um acidente. Sinto-me uma completa merda.

— Este vaso e o serviço de porcelana eram as únicas coisas que me restavam da minha avó — chora ela.

O serviço de porcelana. O serviço de porcelana que eu parti em mil bocadinhos.

— Karen, lamento imenso. Eu...

— Não faz mal, Hardin. — Suspira, devolvendo os cacos do vaso ao monte de destroços.

Mas faz mal, sim; posso vê-lo nos olhos castanhos dela. Posso ver o quão sentida está, e fico surpreendido pelo peso da culpa que sinto pressionar-me o peito ao ver tanta tristeza nos seus olhos. A Karen fita o vaso estilhaçado durante mais alguns segundos, e eu observo-a em silêncio. Tento imaginá-la menina, olhos castanhos enormes e alma doce, já nessa altura. Aposto que era uma daquelas raparigas que era amável para toda a gente, até para cretinos como eu. Penso na avó dela, provavelmente amável como a neta, oferecendo-lhe uma coisa que a Karen sentiu ser suficientemente importante para que fosse guardada e conservada todos estes anos. Nunca tive nada na minha vida que não tenha sido destruído.

— Vou acabar de fazer o jantar. Estará na mesa não tarda — diz, por fim.

Depois, passando a mão pelos olhos, sai da estufa da mesma maneira que o filho tinha saído escassos minutos antes.

TESSA

Não há como não gostar do Smith e do modo adorável como anda de um lado para o outro nos seus passos pequeninos, olhando para tudo, cumprimentando-nos com um aperto de mão formal, e depois bombardeando-nos com perguntas quando estamos a tentar despachar coisas. Por isso, não tenho como ficar aborrecida quando, estando eu a arrumar a minha roupa, ele entra quarto adentro no seu passinho cambaleante e me pergunta, em voz baixa:

— Onde é que está o teu Hardin?

Fico um nadinha triste por ter de admitir que o deixei na WCU, mas a candura amorosa deste rapazito mitiga parte da dor.

— E onde é que fica a WCU? — pergunta ele.

Faço o meu melhor para lhe sorrir.

— Fica muito longe daqui.

O Smith pisca várias vezes os lindíssimos olhos verdes.

— Ele vem para cá?

— Acho que não. Hum, tu gostas do Hardin, não gostas, Smith?

— Rio e ajeito as mangas do meu velho vestido castanho no cabide, pendurando-o depois no roupeiro.

— Mais ou menos. Ele tem graça.

— Hei, eu também tenho graça! — provoco-o, mas ele devolve-me apenas um sorriso tímido.

— Nem por isso — responde sem rodriguinhos.

O que só faz com que me ria mais ainda.

— O Hardin acha que tenho graça — minto.

— Acha? — O Smith acompanha os meus gestos com o olhar e começa a ajudar-me a tirar a roupa da mala e a dobrá-la.

— Mas não diz que acha.

— Porquê?

— Não sei. — Encolho os ombros. Provavelmente porque não sou particularmente espirituosa e, quando tento sê-lo, faço fraca figura.

— Olha, diz ao teu Hardin para vir viver para cá, como tu — diz, como quem declara um facto consumado, como um pequeno monarca a proclamar um édito.

O meu peito aperta-se ao ouvir as palavras do rapazinho amoroso.

— Eu digo-lhe. Não precisas de dobrar essa — digo, estendendo a minha mão para a *T-shirt* azul que ele tem nas mãos pequeninas.

— Gosto de dobrar.

Põe a *T-shirt* atrás das costas e, que posso eu fazer se não acenar que sim?

— Vais ser um bom marido quando cresceres — digo-lhe, e sorrio.

Faz covinhas no rosto quando devolve o sorriso. Pelo menos, parece gostar mais de mim agora do que antes.

— Não quero ser marido — diz ele, franzindo o nariz, e eu reviro os olhos a este miúdo de cinco anos que fala exatamente como um homem adulto.

— Hás de mudar de ideias, vais ver — provoco-o.

— Não. — Com esta declaração, dá a conversa por terminada e acabamos de arrumar a roupa em silêncio.

O meu primeiro dia em Seattle está a aproximar-se do fim e, amanhã, será o meu primeiro dia no novo escritório. Estou extremamente nervosa e ansiosa ante a perspectiva. Não sou grande apreciadora de novidades; em bom rigor, apavoram-me. Gosto de ter controlo sobre todas as situações e de entrar num novo ambiente com um plano sólido na mão. Não tive tempo para planear grande coisa desta mudança, salvo inscrever-me nas minhas novas disciplinas e, para ser franca, não estou tão desejosa de as começar como devia. Enquanto eu dava largas a esta auto-reprovação, o Smith desapareceu, deixando em cima da cama um monte de roupa dobrada na perfeição.

Amanhã, quando sair do emprego, tenho de dar uma volta para explorar Seattle. Tenho de relembrar a mim mesma o que adoro de paixão nesta cidade porque, neste preciso momento, neste quarto desconhecido, a horas de distância de tudo o que conheço e me é familiar, sinto-me... só.

HARDIN

Observo o Logan a deitar abaixo a *pint*¹ de cerveja, espuma incluída, de um só trago. Pousa o copo na mesa e limpa a boca.

— A Steph é uma psicopata. Ninguém sabia que ela ia fazer aquilo à Tessa — diz. E depois arrota.

— O Dan sabia. E se descubro que mais alguém sabia... — ameaço.

Olha para mim com ar solene e acena com a cabeça.

— Mais ninguém sabia. Bem... pelo menos que eu tenha conhecimento. Mas também é verdade que ninguém diz nada, como sabes.

Uma rapariga morena e alta aparece ao lado do Logan, e ele põe um braço à volta da cintura dela.

— O Nate e a Chelsea estão a aparecer não tarda — diz o Logan à rapariga.

— Noite de casais — resmungo. — Está na altura de me pôr a andar.

Faço um movimento no sentido de me levantar mas o Logan detém-me.

— Não, não é uma noite de casais. O Tristan está sozinho, e o Nate não anda com a Chelsea, só fodem um com o outro.

A verdade é que não sei porque resolvi vir até aqui, mas o Landon mal me dirigia a palavra, e a Karen estava de tal maneira triste ao jantar que, pura e simplesmente, não aguentei ficar mais tempo à mesa.

— Deixa-me adivinhar: o Zed também vai aparecer?

O Logan abana a cabeça.

— Não creio. Acho que ainda está mais piurso do que tu com a merda que aconteceu; não fala com nenhum de nós desde aquela noite.

— *Ninguém* está mais piurso do que eu — digo, de maxilares cerrados. Estar na companhia dos meus velhos amigos não está a contribuir em

¹ Unidade de volume equivalente a 0,568 litros. Copo/caneca contendo este volume de cerveja. (NT)

nada para «me tornar uma pessoa melhor». Só está a irritar-me. Como é que alguém se atreve a dizer que o Zed se preocupa mais com a Tessa do que eu?

O Logan faz um gesto de descarte com a mão.

— Não foi isso que eu quis dizer... saiu-me mal. Bebe uma cerveja e descontrai, Hardin. — Olha em volta, à procura do empregado.

Passando os olhos pela sala, reparo que o Nate, aquela que deve ser a Chelsea e o Tristan vêm a atravessar o pequeno bar na nossa direção.

— Não quero cerveja nenhuma — digo em voz baixa, tentando controlar a minha atitude. O Logan está apenas a tentar ajudar, mas está a irritar-me. Toda a gente me está a irritar. Tudo me está a irritar.

O Tristan dá-me uma palmada amigável no ombro.

— Há muito que não o víamos, meu caro — tenta soar jovial, mas o resultado é ambos acusarmos o desconforto da circunstância, e nenhum de nós esboçar sequer um sorriso. — Lamento a merda que a Steph fez... não fazia a mínima ideia do que ela estava a planear, sinceramente — acaba, por fim, por dizer, tornando a situação ainda mais desconfortável.

— Não quero falar nisso — digo com firmeza, pondo fim à conversa.

Enquanto o meu pequeno grupo de amigos bebe e fala de merdas que não me interessam a ponta de um corno, dou por mim a pensar na Tessa. *O que estará ela a fazer neste momento? Estará a gostar de Seattle? Está a sentir-se tão deslocada na casa do Vance como suspeito que esteja? O Christian e a Kimberly estão a ser simpáticos com ela?*

Claro que estão; a Kimberly e o Christian são sempre simpáticos. Ou seja, na verdade, estou só a evitar a magna questão: a Tessa está a sentir a minha falta como eu estou a sentir a dela?

— Vais querer um? — O Nate interrompe os meus pensamentos e acena um copo de *shot*.

— Não, estou bem. — Aponto para o refrigerante em cima da mesa, e ele encolhe os ombros antes de inclinar a cabeça para trás para beber o *shot*.

Isto era a última coisa que eu queria estar a fazer neste momento. Esta merda adolescente de «beber até vomitar ou perder os sentidos» pode ser suficiente para eles, mas não o é para mim. Nenhum deles tem o privilégio de ter a voz de alguém a azucrinar na parte de trás da cabeça, dizendo-lhes que sejam melhores, que façam qualquer coisa relevante da vida deles. Nunca tiveram ninguém que os amasse o suficiente para que sintam vontade de serem melhores do que são.

Quero ser bom para ti, Tess, disse-lhe em tempos. E que bem que me tenho saído quanto a isso até à data.

— Vou-me embora — anuncio, mas ninguém nota sequer que me levantei e me preparo para sair. Tomei a decisão de deixar de perder tempo em bares, na companhia de pessoas que, verdade seja dita, se estão nas tintas para mim. Não tenho nada contra a maior parte deles mas, na realidade, nenhum deles me conhece a sério, ou gosta de mim o suficiente para querer conhecer-me. Gostavam apenas do bêbedo arrua-ceiro que ia para cama com uma rapariga hoje e com outra amanhã. Não fui mais do que um adereço nas grandes festas deles. Não sabem puto sobre mim; nem sequer sabem que o meu pai é o reitor da nossa faculdade. E estou certo de que também não sabem o que faz um reitor.

Ninguém me conhece como ela, nunca ninguém se interessou em conhecer-me como a Tessa. Ela faz sempre as perguntas mais intrusivas e aleatórias: «Em que estás a pensar?», «Porque é que gostas desta série?», «O que é que achas que aquele homem ali ao fundo está a pensar agora?», «Qual é a tua memória mais antiga?».

Sempre reagi como se a necessidade dela de saber tudo fosse execrável, mas, na verdade, fazia-me sentir... especial... ou que existia alguém que gostava de mim o suficiente para querer saber as respostas a estas perguntas ridículas. Não consigo perceber porque é que a minha mente não se conecta consigo mesma: metade diz-me para me deixar de merdas, arrastar o meu couro patético até Seattle, bater à porta do Vance, e prometer à Tessa que nunca mais volto a deixá-la. Todavia, não é assim tão simples. Há uma outra parte de mim, maior, mais forte, a parte que ganha sempre, que me diz que sou doentio. Que sou completamente doentio, que a única coisa que sei fazer é dar cabo de tudo o que me acontece na vida, e de tudo o que acontece na vida dos outros, e que, por isso, estou a fazer um favor à Tessa ao deixá-la sozinha. Esta parte de mim é aquela em que acredito, sobretudo quando não tenho a Tessa ao lado a dizer-me que estou enganado. Sobretudo porque sempre se provou ser este o caso, no passado.

O plano do Landon para que eu me torne uma pessoa melhor soa bem no papel, mas, e depois? É suposto acreditar que consigo manter-me uma pessoa melhor para sempre? É suposto acreditar que serei suficientemente bom para a Tessa, apenas porque decido não emborcar uma garrafa de vodca quando me exalto?

Tudo isto seria muito mais fácil se não estivesse disposto a aceitar quão doentio sou. Não sei o que fazer, mas sei que não vou resolvê-lo

neste momento. Esta noite, vou enfiar-me no meu apartamento e ver as séries de televisão preferidas dela (são horríveis, todas elas com argumentos ridículos e péssima direção de atores). O mais certo é que até faça de conta que a Tessa está ao meu lado a explicar-me cada cena, apesar de eu estar ali com ela a ver a série, e a compreender perfeitamente o que estou a ver. Adoro quando ela faz isto. É irritante, mas adoro o entusiasmo com que ela atenta no mais ínfimo pormenor, tipo, quem é que está de casaco vermelho e a assediar as execráveis rapariguinhas giras e mentirosas.

Quando saio do elevador, continuo a planear o serão. Acabarei por ver aquela trampa de série, depois comer, depois tomar um duche, provavelmente masturbar-me enquanto imagino a boca da Tessa a substituir a minha a mão, e dar o meu melhor para não fazer nenhuma estupidez. Se tudo correr bem, ainda sou capaz de arrumar o caos que causei ontem.

Paro diante da porta do meu apartamento e olho para o patamar atrás de mim. Por que raio está a porta aberta? A Tessa regressou, ou voltaram a entrar no apartamento? Fico na dúvida sobre qual das hipóteses me deixaria mais irado.

— Tessa? — Empurro a porta com o pé, e sinto um baque no estômago ao ver o pai dela caído de borco no meio do chão, coberto de sangue.

— Que merda é esta?! — grito e bato com a porta, fechando-a.

— Cuidado — geme o Richard, e os meus olhos seguem os dele na direção do corredor, onde, por cima do ombro dele, vislumbro qualquer coisa a mexer-se.

Está ali um homem, a pairar acima do Richard. Contraio os ombros e preparo-me para atacar se houver necessidade disso.

Nisto, porém, apercebo-me de que se trata do amigo do Richard... Chad, acho que era este o nome dele.

— O que raio é que lhe aconteceu e o que é que fazem os dois aqui? — pergunto-lhe.

— Estava a contar que aparecesse a rapariga, mas tu também serves — zomba ele.

O meu sangue ferve ao ouvir como este homem abjeto se refere à minha Tessa.

— Põe-te a andar daqui para fora e leva-o contigo. — Aponto para o pedaço de asno que trouxe este homem ao meu apartamento. O sangue do Richard está a emporcalhar o chão todo.

O Chad roda os ombros e meneia a cabeça para a frente e para trás. Consigo perceber que tenta aparentar calma, mas que está agitado.

— O problema é que ele me deve bastante dinheiro, e não tem como pagar — diz, com as unhas imundas coçando os pontos vermelhos que tem no braço.

Merda de agarrado.

Levanto uma mão no ar.

— Não tenho nada que ver com isso. Não vou voltar a dizer para saíres, e podes ter a certeza de que não levas dinheiro nenhum daqui.

Perante isto, o Chad limita-se a fazer um esgar trocista.

— Não sabes com quem é que estás a falar, puto! — Pontapeia o Richard mesmo abaixo das costelas. Um queixume de dor patético escapa-se dos lábios do Richard ao mesmo tempo que se estatela no chão, de onde não se levanta.

Não estou com disposição para lidar com drogados de merda que entraram à força no meu apartamento.

— Estou-me a cagar para ti; e para ele. E estás muito enganado se pensas que me metes medo — rosno.

Que mais merdas é que me podem acontecer esta semana?

Não, espera. Não quero saber a resposta a esta pergunta.

Avanço para o Chad, e ele recua, como sabia que faria.

— Só para que não digas que não fui simpático, *vou* repetir: põe-te a andar ou chamo a bófia. E enquanto eles não chegam para te salvar, vou dar cabo de ti com o taco de beisebol que guardo aqui à mão, não vá aparecer aqui um atrasado mental a tentar a sua sorte. — Dirijo-me ao armário do *ball* e tiro para fora o taco que guardo encostada à parede, levantando-o lentamente, para provar o que acabo de dizer.

— Se eu sair sem o dinheiro que ele me deve, a responsabilidade pelo que vier a fazer-lhe é tua. Vais ficar com o sangue dele nas mãos.

— Estou-me a cagar para o que lhe faças — digo. Mas nisto, fico subitamente na dúvida se sinto o que estou a dizer.

— Como queiras — diz, e percorre a sala de estar com o olhar.

— De quanto é que estamos a falar? — digo eu.

— Quinhentos.

— Não vou dar-te quinhentos dólares. — Sei como a Tessa irá sentir-se quando souber que as minhas suspeitas quanto ao pai dela ser um toxicod dependente se confirmam. Isto dá-me vontade de atirar a carteira à cara do Chad e dar-lhe todo o dinheiro que lá estiver, só para que ele

me desapareça da frente. Detesto saber que estava certo quanto ao pai dela; até este momento, a Tessa tinha ficado apenas meio convencida do que eu lhe tinha dito, mas em breve terá de se confrontar com a verdade toda. Só queria que tudo isto me desaparecesse da frente, *Dick* incluído.
— Não tenho esse dinheiro comigo.

— Duzentos? — pergunta ele. Quase consigo ver-lhe a dependência a implorar no olhar.

— Seja.

Não acredito que vou mesmo dar dinheiro a este agarrado que forçou a entrada no meu apartamento e pregou um enxerto ao pai da Tessa. Nem sequer tenho duzentos dólares em dinheiro. Qual é a ideia? Ir com este crápula à caixa de Multibanco mais próxima? Esta merda é do caraças.

Quem é que tem uma merda destas à espera quando entra em casa?

Eu. Quem? Eu.

Por ela. Só por ela.

Puxo a carteira do bolso e atiro-lhe os oitenta dólares que levantei há bocado. Feito isto, dirijo-me ao quarto, mantendo o taco de beisebol na mão. Pego no relógio que o meu pai e a Karen me ofereceram no Natal e atiro-lho. Tendo em conta o destroço humano esquelético que é, o Chad apanha-o no ar com notável destreza. Deve estar mesmo desesperado por este relógio... ou por aquilo por que o pode trocar.

— Esse relógio vale mais do que quinhentos dólares. Agora, põe-te a milhas — digo. A verdade, porém, é que não quero que ele saia; quero que tente atacar-me para que eu tenha justificação para lhe partir a cabeça ao meio.

O Chad ri, depois tosse, e depois ri outra vez.

— Até à próxima, Rick — ameaça, e desaparece porta fora.

Sigo-o e aponto-lhe o taco de beisebol dizendo:

— E, Chad? Se volto a pôr-te a vista em cima, podes *crer* que te mato.

Posto isto, fecho a porta com estrondo na cara medonha dele.

HARDIN

Toco com a bota na perna do Richard. Estou para lá de furioso, e esta confusão toda é culpa dele.

— Desculpa — grunhe ele, tentando soerguer-se do chão; segundos depois, estremece e desliza de novo para o chão de madeira. A última coisa que me apetece é levantar-lhe a patética carcaça do chão mas, chegados a este ponto, não sei o que mais possa fazer com ele.

— Vou pôr-te na cadeira, mas nem penses em sentar-te no meu sofá antes de tomares banho.

— *Okay* — murmura, fechando os olhos enquanto me baixo para o levantar. Não é tão pesado quanto estava à espera, especialmente tendo em conta a altura que tem.

Arrasto-o até uma das cadeiras da cozinha e, assim que o sento, ele dobra-se para a frente, envolvendo o torso com os braços.

— E agora? O que é que é suposto que te faça agora? — pergunto-lhe em voz baixa.

O que faria a Tessa se aqui estivesse? Conhecendo-a, preparar-lhe-ia um banho quente e faria qualquer coisa para ele comer. Eu não vou fazer nem uma coisa nem outra.

— Leva-me de volta — sugere ele. Arrasta um dedo trémulo à gola da *T-shirt* rasgada, uma das minhas, que a Tessa o deixou levar. Será que tem andado com ela vestida desde que saiu de cá de casa? Limpa o sangue da boca, fazendo-o escorrer preguiçosamente pelo queixo e pelo espesso emaranhado de pelos que ali tem.

— De volta para onde? — digo eu. Se calhar devia ter chamado a polícia assim que entrei no apartamento, se calhar não devia ter dado o relógio ao Chad... não estava a pensar como deve ser naquela altura, a única ideia que me ocupava o espírito era preservar a Tessa de tudo isto.

No entanto, e como é óbvio, ela já está completamente afastada disto... está bem longe.

— Porque é que o trouxeste aqui? Se a Tessa estivesse em casa... — a minha voz emudece.

— Ela mudou-se. Sabia que não ia estar cá — diz ele, com esforço.

Sei que lhe custa falar, mas há perguntas que preciso de ver respondidas, e a minha paciência está por um fio.

— Também vieste cá há uns dias?

— Vim. Só para comer e tomar d-duche — arqueja o Richard.

— Fizeste esta distância toda só para comer e tomar duche?

— Sim. Da primeira vez apanhei o autocarro. Mas o Chad — para para respirar fundo e solta um uivo de dor antes de mudar de posição — ofereceu-se para me vir cá trazer, e atirou-se contra mim mal entrámos.

— Como é que entraste?

— Tirei a chave suplente da Tessa.

Roubou-a... ou foi a Tessa que lha deu?, interrogo-me.

Faz um gesto com a cabeça na direção do lava-louça.

— Da gaveta.

— Portanto, deixa ver se estou a perceber bem: roubaste uma chave do meu apartamento, pensando que podias aparecer por cá quando te apetecesse para tomar duche. *Depois*, trouxeste Chad, o *Charmoso Agarrado*, a minha casa, e ele deu-te uma tarefa na minha sala porque lhe devias dinheiro?

Como é que eu vim parar a um episódio do *Intervention*²?

— Não estava cá ninguém, não pensei que levassem a mal.

— Não pensaste, ponto final parágrafo; esse é que é o problema! E se tivesse sido a Tessa a entrar hoje em casa em vez de mim? Ocorreu-te, sequer, o que é que ela ia sentir se te visse assim, ou isso não te perturba?

Estou completamente fora do meu elemento. O meu primeiro instinto é pôr este velho palerma fora do nosso (do *meu*) apartamento e deixá-lo esvaír-se em sangue no patamar. No entanto, não posso fazer nada disto, porque estou desesperadamente apaixonado pela filha dele, e, se o fizesse, a única coisa que ganhava com isso era magoá-la ainda mais do que já magoei. O amor não é uma porra de uma coisa linda?

² Programa de televisão norte-americano em que se abordam comportamentos de dependência. No decurso do programa, ocorre um momento em que os familiares e/ou amigos do toxicodependente visado no episódio intervêm junto deste, com vista a persuadi-lo a abandonar o comportamento dependente e a procurar tratamento. Este momento é designado por «intervenção» (*Intervention*). (NT)

— Ora bem, o que é que fazemos agora? — Coço o queixo. — Queres que te leve ao hospital?

— Não preciso de hospitais; basta-me uma ligadura ou duas. Podes ligar por mim à Tessa e dizer-lhe que lamento tudo isto?

Descarto a sugestão dele com um movimento do braço.

— Não, não posso. Ela não vai tomar conhecimento disto. Não quero que fique preocupada com esta merda.

— *Okay* — concorda o Richard, voltando a remexer-se na cadeira.

— Há quanto tempo consumes? — pergunto-lhe.

Engole em seco.

— Não sei — responde em tom submisso, envergonhado.

— Não me mintas. Não sou estúpido nenhum. Diz-me.

Ele parece ficar absorto nos seus pensamentos, alheado.

— Há cerca de um ano, mas tenho estado a dar tudo por tudo para deixar desde que me cruzei com a Tessie.

— Ela vai ficar de coração destroçado; tens noção disso, não tens?

Espero que tenha. E eu não terei o mínimo problema em recordar-lho as vezes que forem necessárias se ele alguma vez o esquecer.

— Tenho. Vou ser melhor, por ela — afirma.

Não vamos todos...

— Olha, é melhor que te despaches com a tua reabilitação, porque se ela te visse agora...

Não concluo a frase. Estou a tentar decidir se lhe telefono para lhe perguntar o que raio fazer com o pai dela, mas sei que isto não é solução. Ela não precisa de ter esta preocupação às costas, não neste momento. Não quando está a tentar concretizar os seus sonhos.

— Vou para o meu quarto. Se quiseres tomar duche, comer, ou fazer o que quer que estivesse a planear fazer antes de eu te interromper, está à vontade.

Saio da cozinha para o quarto, fecho a porta atrás de mim e encosto-me a ela. Foram as vinte e quatro horas mais compridas da minha vida.

TESSA

Não consigo apagar o ridículo sorriso de orelha a orelha que se me estampa na cara quando a Kimberly e o Christian me mostram o meu novo gabinete. As paredes são brancas, os rodapés e a porta cinzentos-escuros, e a secretária e as estantes pretas, elegantes e modernas. É do mesmo tamanho que o meu primeiro gabinete, mas a vista que tenho daqui é fantástica; de cortar a respiração, mesmo. Os escritórios da nova Editorial Vance ficam no centro da baixa de Seattle; lá em baixo, a cidade fervilha e prospera, em constante movimento, em permanente desenvolvimento, e eu estou aqui, mesmo no centro de tudo isso.

— É espantoso; muito, muito obrigada! — digo, provavelmente com mais entusiasmo do que a maioria das pessoas consideraria ser profissional.

— Tens tudo o que necessitas mesmo à mão, sem precisares de pegar no carro: café, todas as gastronomias que te possa apetecer experimentar, está tudo aqui. — O Christian olha com orgulho para a cidade lá em baixo e abraça a noiva pela cintura.

— Não te parece que já chega de te vangloriares? — arrelia-o a Kimberly jovialmente e ele pespega-lhe um beijinho na testa.

— Bom, assim sendo, deixo-vos. E agora, mãos ao trabalho, — reprende-me o Christian em tom jocoso. A Kimberly agarra-o pela gravata, praticamente arrastando-o para fora do gabinete.

Disponho os objetos na secretária como gosto de os ver, e leio um bocado, mas, até à hora de almoço, já enviei pelos menos dez fotografias do meu novo gabinete ao Landon... e ao Hardin. Sabia que o Hardin não ia responder, mas não fui capaz de me conter. Queria que ele visse a vista; talvez este cenário o faça mudar de ideias quanto a vir para cá... Bem sei que estou apenas a arranjar pretextos para o lapso momentâneo na minha determinação que me levou a enviar-lhe as fotos, mas tenho saudades dele. Pronto, disse-o. Sinto imensas saudades dele, e tive

esperança em que ele respondesse, nem que fosse um SMS curtinho. Qualquer coisa. Mas não tive resposta nenhuma.

O Landon enviou-me uma mensagem entusiástica a cada uma das fotografias que lhe mandei, mesmo pela foto pirosa em que estou a segurar numa caneca de café com as palavras EDITORIAL VANCE gravadas.

Quanto mais reflito na decisão impulsiva de ter enviado as fotografias ao Hardin, mais me arrependo de a ter tomado. E se ele as interpreta de maneira errada? Há que admitir que tem uma certa tendência para o fazer. Pode vê-las como um lembrete de que eu estou a prosseguir com a minha vida; pode até pensar que o meu objetivo é atirar-lhe tudo isto à cara. Com toda a honestidade, não foi esta a minha intenção, e só me resta esperar que ele não a interprete assim.

Estou aqui a pensar que, se calhar, devia enviar-lhe outra mensagem para me explicar. Ou dizer-lhe que lhe enviei as fotografias acidentalmente. Não sei qual das duas soará mais convincente.

Nenhuma, tenho a certeza. Estou a complicar. Bem vistas as coisas, são só fotografias. E não posso chamar a mim toda a responsabilidade pela forma como ele escolhe interpretá-las. Não posso chamar a mim toda a responsabilidade pelas emoções dele desta forma.

Quando entro na salinha de café para os funcionários da empresa que existe no meu piso, deparo com o Trevor sentado a uma das mesas quadradas, com um *tablet* diante dele.

— Bem-vinda a Seattle — diz ele, com os olhos azuis a brilhar de excitação.

— Hei. — Retribuo o entusiasmo dele com um sorriso e passo o meu cartão de débito pela ranhura da gigantesca máquina de venda automática. Carrego em alguns botõezinhos numerados e sou recompensada com um pacotinho de bolachas de manteiga de amendoim. Estou demasiadamente nervosa para ter fome, sairei amanhã para almoçar, depois de ter tido oportunidade de explorar as redondezas.

— Que tal estás a achar Seattle até agora? — pergunta o Trevor.

Peço-lhe licença com o olhar e, quando ele anui com um aceno de cabeça, deslizo para a cadeira em frente dele.

— Ainda não vi grande coisa. Só cheguei ontem, mas adoro este novo edifício.

Entram duas mulheres na salinha e sorriem ao Trevor; uma delas volta-se para me dirigir um sorriso e eu faço um pequeno aceno com a mão. Começam a falar uma com a outra e, nisto, a mais baixa das duas, a de

cabelo preto, abre o frigorífico e tira de lá uma refeição pré-feita, das que se cozinham no micro-ondas, enquanto a amiga dela remexe nas unhas.

— Então devias explorar; há imensas coisas para fazer aqui. É uma cidade linda. — declara o Trevor enquanto eu mordisco um bolacha, meio distraída. — O Obelisco Espacial, o Centro de Ciências do Pacífico, museus de arte, é só pedir.

— Estou cheia de vontade de ir ao Obelisco Espacial e ao Mercado de Pike Place — digo. Mas começo a sentir-me um pouco desconfortável porque, de cada vez que espreito de soslaio para as duas mulheres, tenho a nítida sensação de que estão ambas a olhar para mim e a cochichar.

Estou bastante paranoica hoje.

— E deves mesmo ir. Já decidiste onde é que vais ficar? — pergunta o Trevor, deslizando o dedo pelo ecrã para fechar a janela que tinha aberta no *tablet*, dando-me agora toda a sua atenção.

— Na verdade, neste momento estou a ficar em casa da Kimberly e do Christian... só por uma semana ou duas, até conseguir encontrar um apartamento próprio.

A urgência na minha voz é constrangedora. Detesto ver-me nesta posição de ter de os incomodar por o Hardin ter dado cabo da oportunidade de eu arrendar o único apartamento que consegui encontrar. Quero viver pelos meus próprios meios, e não ter de me preocupar com a possibilidade de estar a ser um fardo para quem quer que seja.

— Posso perguntar se há algum apartamento livre no meu prédio — oferece-se o Trevor. Ajusta a gravata e alisa o tecido prateado antes de passar as mãos pelas lapelas do fato.

— Agradeço-te, mas não me parece que o teu prédio se enquadre no meu orçamento — faço notar em voz suave. O Trevor é chefe do departamento financeiro, e eu sou estagiária; uma estagiária com um salário decente, é certo, mas tenho a certeza de que não ganho o suficiente nem sequer para arrendar o contentor de lixo das traseiras do prédio onde ele vive.

O Trevor cora.

— *Okay* — diz, agora ciente de que há uma diferença abissal entre os nossos ordenados. — Mas posso ficar alerta, e sondar se alguém tem conhecimento de algum apartamento que possa interessar-te.

— Obrigada. — Faço um sorriso convincente. — Estou certa de que Seattle me parecerá mais a minha casa assim que arranjar... casa.

— Concordo; vai levar algum tempo, mas sei que vais adorar viver cá. — O sorriso enviesado dele é caloroso e aconchegante.

— Tens planos para hoje? — pergunto, antes de conseguir deter-me.
— Tenho — diz o Trevor, a voz suave soando ligeiramente atrapalhada. — Mas posso cancelá-los.

— Não, não. Não é necessário. Estava só a pensar que, dado que conheces a cidade, talvez pudesses levar-me a dar uma volta, mas uma vez que já tens planos, não penses mais no assunto. — Espero sinceramente vir a fazer amigos aqui em Seattle.

— Adorava levar-te a ver a cidade. Tinha planeado fazer um bocado de *jogging*, é só.

— *Jogging*? — O meu nariz enrugase. — Para quê?

— Por gozo.

— Não soa lá muito divertido. — Rio, e ele abana a cabeça em descontentamento brincalhão.

— Habitualmente, corro todos os dias depois de sair daqui. Também ainda estou a conhecer a cidade, e fazer *jogging* é uma boa maneira de ficar a conhecer o traçado da cidade. Devias vir comigo um destes dias.

— Não sei... — A ideia não me soa apelativa.

— Podemos andar, em vez de correr. — Solta uma risada. — Estou a viver em Ballard; é uma zona agradável.

— Já ouvi falar de Ballard, agora que a mencionas — digo eu, lembrando-me de ter pesquisado página atrás de página de *sites* que mostravam os diferentes bairros de Seattle. — *Okay*, de acordo. Vamos, então, passear por Ballard.

Fecho as mãos diante de mim e pouso-as no colo.

Não consigo deixar de pensar em como se sentiria o Hardin perante isto. Despreza o Trevor, e já está a ser-lhe suficientemente difícil lidar com a ideia de «dar espaço» que acordámos experimentar; não que o tenha confessado, mas agrada-me pensar que sim. Em todo o caso, por muito espaço, literal ou metafórico, que coloque entre mim e o Hardin, só consigo ver o Trevor como amigo. Não me passa pela cabeça ver-me agora num contexto romântico com alguém, especialmente com alguém que não o Hardin.

— *Okay*, fica combinado. — O Trevor sorri, claramente surpreendido por eu ter alinhado na ideia. — A minha hora de almoço chegou ao fim, pelo que tenho de voltar para o gabinete, mas envio-te a minha morada por SMS, ou podemos ir juntos daqui, se preferires.

— Penso que podemos sair juntos diretamente; acho que estou com sapatos adequados. — Aponto para os saltos rasos, congratulando-me interiormente por não ter calçado saltos altos hoje.

— Parece-me bem. Passo pelo teu gabinete às cinco? — diz, levantando-se.

— Sim, perfeito. — Levanto-me, também, e lanço o invólucro das bolachas para o caixote do lixo.

— Aliás, toda a gente sabe como é que ela arranjou este emprego — ouço uma das mulheres dizer atrás de mim.

Quando, por curiosidade, dirijo o olhar para o sítio onde elas estão sentadas, ambas se calam de imediato, de olhos postos na mesa. Não posso deixar de sentir que estavam a falar de mim.

Lá se vai a ideia de fazer amigos em Seattle.

— Aquelas duas não fazem mais nada a não ser coscuvilhar; ignoras — diz o Trevor, pondo a mão entre as minhas omoplatas e conduzindo-me para fora da salinha de café.

Quando volto a entrar no meu gabinete, abro a gaveta da secretária e tiro de lá o telemóvel. Duas chamadas não atendidas, ambas do Hardin.

Devo ligar-lhe já? *Telefonou duas vezes; talvez tenha acontecido alguma coisa. É melhor ligar-lhe*, raciocino eu, como que negociando comigo mesma.

Ele atende ao primeiro toque e diz de chofre:

— Porque é que não atendeste quando telefonei?

— Passa-se alguma coisa? — Levanto-me da cadeira, ligeiramente em pânico.

— Não. Não se passa nada — respira ele. Consigo imaginar a maneira exata como os lábios rosados dele se movimentam ao dizer estas simples palavras. — Porque é que enviaste aquelas fotografias?

Passo os olhos pelo gabinete, com receio de o ter transtornado.

— Porque estava excitada com o meu gabinete novo e quis partilhá-lo contigo. Espero que não tenhas pensado que havia qualquer malícia nisto, ou que me estava a vangloriar. Desculpa ter...

— Não, fiquei apenas confuso — interrompe, tranquilo, e depois fica em silêncio.

Passados uns segundos, digo:

— Não envio mais nenhuma. Não devia ter mandado aquelas. — Encosto a cabeça ao vidro da janela do gabinete e fixo o olhar nas ruas da cidade.

— Não penses mais nisto, está tudo bem... Como é isso, por aí? Estás a gostar? — A voz do Hardin soa sorumbática, e quero alisar-lhe a testa, que sei que neste momento deve estar franzida e a desfigurar-lhe as feições.

— É uma cidade linda.

Ele não deixa passar a omissão, como suspeitei que não ia deixar.

— Não respondeste à pergunta.

— Gosto de estar aqui — digo, devagarinho.

— Soas absolutamente em êxtase.

— Gosto de estar aqui, a sério, estou só... a ajustar-me. Mais nada.

O que é que tem acontecido por aí? — pergunto, de modo a prolongar a conversa. Não me sinto preparada para desligar já.

— Nada — responde ele de rajada.

— Está a ser desconfortável para ti, estarmos a conversar? Eu sei que disseste que não querias falar ao telefone, mas ligaste-me e, por isso, estava só a...

— Não, não está a ser desconfortável — interrompe o Hardin. — Nunca é desconfortável entre nós. Eu só quis dizer que achava que não devíamos passar horas ao telefone todos os dias, se a ideia é não estarmos juntos, porque não faz sentido e só me tortura.

— Mas então, queres falar comigo, é isso? — pergunto, porque sou patética e preciso de o ouvir dizer que sim.

— Sim, é claro que quero.

Ouço a buzina de um carro em fundo, pelo que deduzo que o Hardin esteja a conduzir.

— E então, como é que fazemos? Conversamos de vez em quando ao telefone, como amigos? — pergunta, sem qualquer sombra de ira, apenas curiosidade.

— Não sei, se calhar podíamos experimentar fazê-lo...?

Esta separação está a ser completamente diferente da última; desta vez, separámo-nos a bem, e não foi um corte definitivo. Não estou pronta para decidir se um corte definitivo com o Hardin é mesmo aquilo de que necessito, logo, expulso esta questão do momento presente, arquivo-a, e prometo revisitá-la mais tarde.

— Não vai resultar.

— Não quero que nos ignoremos um ao outro e que nunca mais nos voltemos a falar, mas não mudei de ideias quanto a dar-mo-nos espaço — digo-lhe.

— Seja; fala-me lá de Seattle, então — acaba o Hardin por dizer.

TESSA

Após ter passado metade da tarde ao telefone com o Hardin e não ter despachado praticamente trabalho nenhum, o meu primeiro dia no novo escritório chega ao fim, e aguardo pacientemente pelo Trevor à porta do gabinete.

O Hardin estava tão tranquilo, há pouco, e soava tão lúcido, como se estivesse focado nalguma coisa. Aqui de pé, no corredor, não contendo a minha felicidade por continuarmos em contacto um com o outro; é muito melhor agora, que não estamos a tentar evitar-nos. No fundo, no fundo, sei que não vai ser sempre assim tão fácil, falarmos desta maneira, provocando-me com pequenas doses de Hardin quando, na realidade, o quero, o quero inteiro, a toda a hora. Quero-o aqui comigo, a abraçar-me, a beijar-me, a fazer-me rir.

Deve ser isto que significa «estar em negação».

Por ora, estou bem assim. Sabe lindamente quando comparado com a alternativa: sentir tristeza.

Suspiro e apoio a cabeça na parede, continuando à espera. Começo a desejar não ter perguntado ao Trevor se estava livre hoje. Preferia estar em casa da Kimberly, a falar ao telefone com o Hardin. Quem me dera que ele tivesse vindo; podia ser ele a encontrar-se comigo agora. Podia ter um gabinete perto do meu, podia aparecer no meu gabinete múltiplas vezes durante o dia e, nos intervalos das visitas dele, eu podia arranjar pretextos para ir ao seu gabinete. Tenho a certeza de que o Christian lhe arranjaria emprego, se ele quisesse. O Christian deixou claro, por mais de uma vez, que gostava que o Hardin voltasse a trabalhar para ele.

Podíamos passar a nossa hora de almoço juntos, quem sabe até recriar algumas das memórias que partilhámos no velho gabinete. Ponho-me a imaginar o Hardin por trás de mim, eu dobrada sobre o tampo da minha secretária, o meu cabelo firmemente apanhado na mão fechada dele...

— Desculpa o atraso, a reunião que estava a ter prolongou-se. — O Trevor interrompe a minha divagação, e eu dou um pulo, tanto pela surpresa, como pelo embaraço.

— Oh, hum, não faz mal. Estava só... — ajusto o cabelo atrás da orelha e engulo em seco — à espera.

Se ele soubesse o que eu estava a pensar... Felizmente, não faz a mínima ideia. Não sei, sequer, de onde me surgem estes pensamentos.

O Trevor inclina a cabeça, espreitando para o corredor vazio.

— Estás pronta para seguirmos?

— Estou.

Fazemos conversa de circunstância enquanto atravessamos o edifício. Já saiu quase toda a gente, deixando o escritório silencioso. O Trevor está a contar-me do novo emprego do irmão dele, no Ohio, e da experiência que foi comprar um fato novo para o casamento da nossa colega Krystal, no mês que vem. Ociosamente, interrogo-me quantos fatos terá o Trevor.

Uma vez nos nossos respetivos carros, sigo o *BMW* do Trevor pela cidade apinhada de gente até ao pequeno bairro de Ballard. Segundo os blogues que andei a ler antes de me mudar para aqui, trata-se de uma das zonas mais elegantes e em voga de Seattle. Cafés, restaurantes veganos, e bares elegantes e na berra alinham-se ao longo das ruas estreitas. Estaciono na garagem subterrânea do prédio do Trevor, e rio ao lembrar-me do Trevor a oferecer-se para averiguar da disponibilidade de apartamentos neste sítio caríssimo.

O Trevor sorri, apontando para o fato que traz vestido.

— Preciso só de mudar de roupa, obviamente.

Uma vez no apartamento e tendo o Trevor desaparecido, passo com curiosidade o olhar pela sala de estar deveras ampla. Fotografias de familiares e artigos recortados de jornais e revistas enchem as molduras no lintel da lareira; uma peça ornamental intrincada, feita a partir de garrafas de vinho fundidas e moldadas, ocupa toda a extensão da mesa de centro. Nem a um minúsculo grão de pó foi permitido acumular-se em qualquer dos cantinhos. Estou impressionada.

— Pronto! — anuncia o Trevor, saindo do quarto e puxando o fecho de correr de uma camisola vermelha. Sou sempre apanhada desprevenida quando o vejo vestido informalmente; faz uma enorme diferença, por comparação com a maneira como se apresenta normalmente.

Depois de andarmos dois quarteirões, estamos ambos a tremer e a tiritar.

— Tens fome, Tessa? Podíamos comer qualquer coisa. — Pequenas baforadas brancas de ar frio sucedem-se às suas palavras.

Aceno que sim, avidamente. O meu estômago ronca de fome, lembrando-me quão insuficiente é um pacotinho de bolachas de manteiga de amendoim como almoço.

Digo ao Trevor que escolha um restaurante de que goste, e acabamos por entrar num pequeno restaurante italiano de grelhados que fica apenas a dois ou três metros de distância do sítio onde parámos de andar. O cheiro adocicado do alho enche-me os sentidos e sinto água a crescer-me na boca ao sermos conduzidos a um pequeno compartimento na zona mais recuada do restaurante.

HARDIN

— Estás com um ar muito mais... *bigiânico* — digo eu ao Richard quando ele sai da casa de banho limpando a cara acabada de barbear a uma toalha branca.

— Não fazia a barba há meses — responde, esfregando a pele lisa do queixo.

— A sério? Não me digas. — Reviro os olhos e ele concede-me um meio sorriso.

— Mais uma vez, obrigado por me deixares ficar cá... — A voz grave esmorece.

— Não é permanente, por isso, não me agradeças. Ainda não vejo com bons olhos toda esta situação.

Dou mais uma dentada na piza que encomendei para mim... e que acabo a partilhar com o Richard. Tenho de arranjar maneira de aligeirar a pressão sobre a Tessa. Ela tem muito com que se ocupar nos tempos que correm, e, se eu puder ajudá-la de alguma forma, lidando eu com esta confusão com o pai dela, fá-lo-ei.

— Estou ciente disso. Estou surpreendido por ainda não me teres posto porta fora — diz ele com uma gargalhada.

Como se isto fosse matéria para rir. Olho-o fixamente. Os olhos parecem demasiado grandes para o rosto, com olheiras profundas a transparecer sob a pele branca. Suspiro.

— Também eu — admito, aborrecido.

O Richard tiritava enquanto olho para ele; não por se sentir intimidado, mas por privação de seja qual for a droga que está habituado a consumir.

Quero saber se ele trouxe drogas para o nosso apartamento quando pernitoou aqui na semana passada. No entanto, se lho perguntar e ele responder que sim, vou perder as estribeiras e pô-lo a andar em segundos. Para o bem da Tessa, e para o meu, ponho-me de pé e saio da sala

de estar com o prato vazio na mão. A pilha de louça suja no lava-louça duplicou de volume, e a última coisa que me apetece agora é tratar de pôr uma máquina de louça a girar.

— Trata tu da louça, como paga! — digo ao Richard, em voz alta.

Ouço o riso grave dele no corredor, e vejo-o entrar na cozinha no mesmo momento em que alcanço a porta do quarto e a fecho atrás de mim.

Tenho vontade de ligar novamente à Tessa, só para ouvir a voz dela. Quero saber como lhe correu o resto do dia... O que é que está a pensar fazer quando sair do emprego? Ficou a olhar para o telemóvel com um sorriso palerma nos lábios depois de termos desligado há bocado, como eu?

Provavelmente não.

Percebo agora que estou a pagar pelos pecados que cometi no passado; foi por isso que a Tessa me foi concedida. Uma penitência cruel, disfarçada de recompensa encantadora. Tê-la durante uns meses, apenas para me ser tirada depois, continuando porém a ser-me agitada diante dos olhos, sob a forma de telefonemas ocasionais. Não sei quanto tempo falta para que sucumba ao meu destino e me permita finalmente libertar-me deste estado de negação.

Negação: é exatamente isto que estou a viver.

Não tem de ser assim, contudo. Está nas minhas mãos dar outro fim a esta história. Posso ser quem ela precisa que eu seja, sem a arrastar novamente para o meu inferno.

Que se foda, vou telefonar-lhe outra vez.

O telefone toca, toca, toca e, ainda assim, ela não atende. São quase seis horas; já devia ter saído do emprego e estar de volta a casa. Onde poderá ter ido? Enquanto debato comigo mesmo se devo ou não ligar ao Christian, meto os pés nos ténis que uso para ir ao ginásio, aperto preguiçosamente os atacadores, e enfio os braços pelas mangas do casaco.

Sei que a Tessa vai ficar zangada (*para lá* de zangada, tenho a certeza) se eu lhe ligar, mas já lhe telefonei seis vezes, e ela não atendeu o telefone uma única vez. Resmungo e passo os dedos pelo meu cabelo a precisar de ser lavado. Esta merda de «darmos espaço um ao outro» está mesmo a irritar-me solenemente.

— Vou sair — digo ao meu hóspede indesejado.

Ele assente com a cabeça, incapaz de responder por palavras dada a mão-cheia de batatas fritas que enfiou na boca. Pelo menos, o lava-louça está agora sem louça suja.

Para onde raio devo ir?

Minutos depois, estou a desligar o carro no parque de estacionamento por trás do pequeno ginásio. Não estou certo do que é que vir aqui vai adiantar, ou se esta merda contribuirá o que quer que seja para me ajudar, mas, neste momento, a irritação que sinto pela Tessa está a crescer, e só consigo pensar em praguejar contra ela, ou em meter-me no carro e ir a Seattle procurá-la. Não preciso de enveredar por nenhum destes caminhos... só iria piorar as coisas.

TESSA

Quando o meu prato fica vazio, estou praticamente a contorcer-me na cadeira. No momento em que estávamos a pedir a comida, dei-me conta de que tinha deixado o telemóvel no carro, o que me põe mais agitada do que devia. Ninguém me telefona assim tanto. No entanto, não deixo de pensar que talvez o Hardin tenha ligado, ou pelo menos enviado uma mensagem. Concentro-me em prestar atenção ao Trevor, que está a falar de um artigo que leu no *Times*, e procuro não pensar no Hardin e na eventualidade de ele me ter ligado. Esforço vão. Passo o jantar inteiro distraída, e tenho a certeza absoluta de que o facto não passa despercebido ao Trevor; é apenas demasiadamente bem-educado para me confrontar com a minha atitude.

— Não concordas? — A voz do Trevor subtrai-me aos meus pensamentos.

Tento recuperar os últimos segundos da conversa, procurando lembrar-me do que ele esteve a dizer. O artigo era sobre saúde... acho eu.

— Sim, concordo — minto. Não faço ideia se concordo ou não, mas queria muito que o empregado se apressasse a trazer a conta.

Como se à espera desta deixa, o jovem surge, colocando um porta-contas na nossa mesa, e o Trevor tira imediatamente a carteira do bolso.

— Eu posso... — começo.

Mas ele coloca várias notas dentro do porta-contas e o empregado desaparece na direção da cozinha.

— Ofereço eu.

Agradeço-lhe em voz baixa e dou uma olhadela ao grande relógio de pedra pendurado sobre a porta. Já passa das sete; estamos há mais de uma hora no restaurante. Solto um suspiro de alívio quando o Trevor, juntando as mãos uma na outra e levantando-se, diz:

— Bom...

A caminho da casa dele, passamos por um pequeno café e o Trevor arqueia as sobancelhas interrogativamente, dirigindo-me um convite silencioso.

— Talvez noutra noite, ainda esta semana? — sugiro em alternativa, sorrindo-lhe.

— Parece-me bem. — O canto dos lábios eleva-se, formando o famigerado sorriso enviesado dele, e continuamos a passeata até ao prédio.

Depois de uma despedida breve e de um abraço amigável, entro no carro e pego imediatamente no telefone. Estou consumida pela ansiedade e pelo desespero, mas empurro com força estes sentimentos para o sítio escuro de onde saíram. Nove chamadas não atendidas, todas elas do Hardin.

Telefonei-lhe de pronto, mas só apanho o *voicemail*. O percurso entre o apartamento do Trevor e a casa da Kimberly é comprido e enfadonho. O trânsito de Seattle é horrível, continuamente em para-arranca, e barulhento. Buzinas a guinchar, carros pequenos a ziguezaguear de faixa para faixa; é alucinante e, quando estaciono, por fim, na estrada de acesso à casa da Kimberly e do Christian, estou com um uma dor de cabeça monumental.

Ao transpor a porta de entrada, vejo a Kimberly sentada no sofá de pele branco, com um copo de vinho na mão.

— Como correu o dia? — pergunta, inclinando-se para pousar o copo na mesa de vidro diante dela.

— Correu bem. Mas o trânsito nesta cidade é *irreal* — emito um pequeno resmungo e deixo-me cair na cadeira carmesim junto à janela. — Estou com uma dor de cabeça de fugir.

— É pavoroso, sim. Bebe um pouco de vinho, para a dor de cabeça. — Levanta-se e atravessa a sala de estar.

Antes que possa declinar, a Kimberly enche uma *flûte* com vinho branco espumoso e entrega-ma. Bebericando um pequeno gole, sinto-o fresco e tonificante, adocicando-me a língua.

— Obrigada — digo, com um sorriso, e bebo um gole maior.

— Então... estiveste com o Trevor, foi?

A Kimberly é tão indiscreta... embora da maneira mais adorável.

— Sim, tivemos um jantar amigável. Como amigos — digo inocentemente.

— Não queres refazer essa resposta, tentando usar a palavra «amigo» mais vezes? — arrelia-me ela, e eu não consigo evitar rir.

— Estou só a tentar deixar claro que somos apenas... amigos.

Os olhos castanhos dela cintilam de curiosidade.

— O Hardin sabe que estavas a *ser amiga* com o Trevor?

— Não, mas faço tenções de lho dizer assim que falar com ele. Por qualquer razão, não simpatiza com o Trevor.

A Kimberly aquiesce com um aceno.

— Não o censuro. O Trevor podia ser modelo, se não fosse tão tímido. Já reparaste naqueles olhos azuis? — Exagera a pergunta, abanando-se com a mão livre como se esta fosse um leque. Desmanchamo-nos ambas em risinhos como miúdas pequenas.

— Não querias dizer olhos *verdes*, amor? — diz o Christian, surgindo de súbito no átrio, quase fazendo com que deixe cair o copo no chão de madeira.

A Kim sorri-lhe.

— Claro que queria.

Mas o Christian limita-se a abanar a cabeça e lançar-nos a ambas um sorriso trocista.

— Acho que eu também podia ser modelo — comenta com um piscar de olho.

Pela parte que me toca, fico aliviada por ele não se ter aborrecido. O Hardin teria virado a mesa do avesso se me apanhasse a falar do Trevor como a Kimberly estava a falar.

O Christian senta-se no sofá ao lado da Kimberly, e ela passa para o colo dele.

— E como é que está o Hardin? Tens falado com ele, presumo? — pergunta ele.

Desvio o olhar.

— Sim, já falei um bocadinho. Está bem.

— Casmurro, é o que ele é. Ainda estou ressentido por ele não ter aceiteado a minha oferta, dada a situação.

O Christian sorri para o pescoço da Kim e dá-lhe um beijo carinhoso abaixo da orelha. É patente que estes dois não têm quaisquer problemas com demonstrações públicas de afeto. Tento desviar novamente o olhar, mas não consigo.

Espera...

— Que oferta? — pergunto, com óbvia surpresa.

— Essa agora, a oferta de emprego que lhe propus; falei-te nisso, não falei? Adorava que ele viesse para cá. Quer dizer, só lhe falta, o quê, um semestre; vai acabar o curso mais cedo, não é?

O quê? Como é que eu não sabia disto? É a primeira vez que ouço que o Hardin vai acabar o curso antes de tempo. Mas respondo:

— Humm, é... Creio que sim.

O Christian põe os braços à volta da Kimberly, embalando-a um bocadinho.

— É praticamente um génio, aquele rapaz. Se se tivesse aplicado um bocado mais, o GPA³ dele seria um quatro perfeito.

— É, de facto, bastante inteligente... — concordo. E é verdade. A mente do Hardin nunca cessa de me surpreender e de me intrigar. É uma das coisas que mais amo nele.

— E escreve muitíssimo bem, além do mais — diz o Christian, bebericando um gole do copo da Kimberly. — Não sei o que é que o levou a desistir de escrever. Estava ansioso por ler mais do trabalho dele.

O Christian suspira enquanto a Kimberly lhe desfaz o nó da gravata cinzento-prateada.

Fico esmagada por esta informação. O Hardin... escreve? Lembro-me de ele dizer, de passagem, que tinha escrito umas coisas durante o primeiro ano de faculdade, mas nunca me deu pormenores. Sempre que eu trazia o assunto à baila, ele mudava de tópico ou menosprezava a ideia, dando-me a entender que não se tratava de algo que fosse importante para ele.

— Pois. — Acabo o vinho que tenho no copo e, levantando-me, aponto para a garrafa. — Posso?

A Kimberly assente com a cabeça.

— Claro que sim, toma o que te apetecer. Temos uma adega cheia — diz, com um sorriso doce.

Três copos mais tarde, a minha dor de cabeça evaporou-se e a minha curiosidade aumentou exponencialmente. aguardo que o Christian volte a tocar no assunto da escrita do Hardin, ou da oferta de emprego que lhe dirigiu, mas não o faz. Mergulha a fundo numa discussão de estratégia empresarial, dizendo que tem estado em conversações com uma empresa de comunicação social, com vista a expandir os esforços que a Editorial Vance tem vindo a desenvolver na área do cinema e da televisão. Por muito interessante que seja a conversa, a verdade é que quero ir para o quarto e voltar a tentar telefonar ao Hardin. Quando surge uma aberta propícia, desejo boa noite a ambos e peço licença para me retirar, apressando-me depois na direção do meu quarto temporário.

— Leva a garrafa contigo! — diz a Kimberly quando passo pela mesa na qual se encontra a garrafa de vinho meio cheia.

Concordo com a cabeça, agradecendo-lhe, e aceito a sugestão que me faz.

³ *Grade Point Average*, equivalente à nossa média de curso, sendo a pontuação 4 (quatro) o valor máximo da escala. (NT)